

## **Mário Helênio: a história do cronista esportivo mais jovem do Brasil<sup>1</sup>**

GUERRA, Márcio de Oliveira<sup>2</sup>

PASCHOALINO, Christiane<sup>3</sup>

BEDENDO, Ricardo<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

### **Resumo**

O artigo apresenta a síntese do livro “Mário Helênio – a história do cronista esportivo mais jovem do Brasil” publicado pelos autores<sup>5</sup>. A obra conta a história de Mário Helênio de Lery Santos, destacado pela edição de “O Globo” (24/06/1941) como o mais jovem jornalista brasileiro. No primeiro dia de 1941, ainda com 15 anos, foi contratado pelo jornal juiz-forano Diário Mercantil. Aos 16, com o pai, também profissional de imprensa, realizou no Rio de Janeiro a sua primeira grande entrevista oficial: com Getúlio Vargas, então Presidente da República. Antes disso, pesquisas mostram que ele já atuava informalmente na comunicação, desde o período entre 8 e 11 anos. Depois, no rádio, apresentou durante 39 anos o programa esportivo “No Giro da Bola” líder de audiência. Morto em 1995, deixou seguidores na profissão e é o nome do Estádio Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

### **Palavras-chave**

Mário Helênio; jornalismo esportivo; imprensa; credibilidade; rádio;

### **Introdução**

Para contar a história de Mário Helênio (imagem 1), os pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC) da UFJF entenderam que três momentos eram fundamentais na divisão da obra: os relatos sobre o homem, o profissional e o legado. Para tanto, realizaram, em 2013, 28 entrevistas gravadas em vídeo com amigos de profissão e familiares. Também tiveram acesso ao acervo de fotos e de documentos do jornalista que foi gentilmente disponibilizado pelo filho Mário Augusto de Lery Santos, e pela viúva Aparecida Lourdes Curci Lery Santos. A consulta bibliográfica e documental a

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF; doutor em Comunicação pela UFRJ; mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

<sup>3</sup> Professora Substituta da Faculdade de Comunicação da UFJF; professora da Faculdade Machado Sobrinho; mestre em Comunicação pela UFJF; especialista em Marketing pela UNA/BH e membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

<sup>4</sup> Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF; mestre em Ciências Sociais pela UFJF e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

<sup>5</sup> Participaram da pesquisa, como bolsistas de iniciação científica, Vitor Ramos e Thiago Esteves.

outras fontes foi da mesma forma estratégica para compreenderem mais sobre as dimensões da vida dessa importante referência da comunicação. Sendo assim, um DVD foi anexado ao livro com a edição dos depoimentos coletados.

### **Mário Helênio: O Homem**

Nessa viagem ao tempo para conhecer a vida de uma das maiores referências do rádio, do jornalismo e do esporte de Juiz de Fora e região, as afinidades nos depoimentos de quem conviveu com ele são, ao mesmo tempo, impressionantes e fundamentais para definirmos quem foi Mário Helênio de Lery Santos.

#### **Imagem 1: Mário Helênio e a paixão pelos microfones e pela notícia**



Expressões, como simplicidade, honestidade, credibilidade, dedicação, bondade, competência, feliz com a vida, visionário e amigo, aparecem numa harmônica dinâmica de construção do perfil do homem que é lembrado como um dos mais representativos expoentes da memória da cidade.

As palavras do único filho, Mário Augusto de Lery Santos (2013), são convidativas ao começo dessa história:

Uma pessoa de bem com a vida, entusiasmado pelo que fazia [...] se relacionava com todo mundo [...] estava sempre disposto a ajudar, sem

outros interesses que não o de ajudar mesmo, e acho que ele cumpriu isso bem [...]. Uma pessoa muito bem disposta, alegre, feliz com a vida, sempre que chegava em casa estava contente, contando novidades... o sangue de jornalista... interessado em acompanhar os acontecimentos da família, realmente transmitia muita alegria e felicidade.

Portanto, logo percebemos que o homem Mário Helênio “deixou um exemplo de boa pessoa. Fazer as coisas sempre com alegria, amor e dedicação [...] de cumpridor dos deveres. Quanto mais coisa tivesse para fazer, ele adorava. As pessoas têm que seguir isso.” Por essas saudosas descrições, a declaração da esposa Aparecida Lourdes Curci Lery Santos<sup>6</sup> se une às recordações de Maria Lúcia de Lery Santos (2013), irmã de Mário Helênio que, com emoção, nos aproxima, ainda mais, das marcantes características do nosso protagonista: “nunca tivemos um arranhão, uma briga; Mário Helênio pra mim era uma pessoa sem defeitos. [...] foi um grande exemplo de honestidade, de bondade e de compreensão com tudo. Era uma pessoa muito calma, que marcou o jornalismo da cidade.”

Da família aos amigos, as manifestações de carinho e de respeito a Mário Helênio fortalecem essa intensa e notável trajetória de vida. O empresário Odoni Turolla (2013) pontua o carisma que o tornou inesquecível: “a gente lembra dele com muita emoção, porque ele marcou presença. As figuras que marcam presença, o tempo e a distância não conseguem apagar, tirar da memória da gente a imagem dele.” A ex-jogadora de vôlei e professora Pátria Soares Zambrano (2013) o descreve como “uma pessoa, além de um profissional brilhante, exemplo para todos, um grande homem, em uma pequena estatura, mas um grande homem [...] ele tinha essa grande capacidade de fazer amigos.” Nesse mesmo tom, o ex-jogador e craque do Tupi Futebol Clube, Moacir Toledo (2013), homenageia o amigo com uma frase que soa como um gol de placa: “ele era uma pessoa boníssima, educada e, sinceramente, eu acredito que se o Mário Helênio não tivesse feito jornalismo, se ele tivesse estudado pra padre, eu acho que hoje nós teríamos o Papa Mário Helênio.”

Mário Helênio de Lery Santos nasceu no dia 22 de maio de 1925, em Juiz de Fora. Foi o primeiro filho do casal Jarbas de Lery Santos e Dalila Brito de Lery Santos. Cinco anos depois, ganhou a irmã Maria Lúcia. “A convivência sempre foi boa. Com o Mário Helênio era só alegria!”, revela a caçula (2013).

---

<sup>6</sup> Depoimento dado a Campos e Santos (1998).

O pai foi quem motivou a formação do precoce perfil jornalístico de Mário Helênio e ele quem melhor descreve essa passagem do pai, em depoimento dado ao Museu da Imagem e do Som de Juiz de Fora, em 1990:

O papai veio de Rio Novo para servir ao exército em 28, 29, ele inclusive tinha jornal lá, mas era tipógrafo. Papai começou também como um tipógrafo e veio para Juiz de Fora para servir ao exército e, em 1930, ele fez a cobertura da Revolução de 30, papai era repórter do Jornal da Noite, que era um dos jornais mais famosos do Brasil, papai ficou nas trincheiras, lá no túnel fazendo reportagem, ao mesmo tempo o comandante do Segundo Batalhão era o tio Edmundo, o coronel Edmundo de Lery Santos era o comandante do Batalhão, era irmão do papai.

Foi no ambiente familiar que encontramos mais algumas características marcantes de Mário, fundamentais para ilustrarmos a personalidade de um homem simples e generoso, como relataram os que com ele conviveram também profissionalmente.

### **Mário Helênio: o profissional**

Desde pequeno, Mário Helênio se apaixonou pelo jornalismo. Influenciado pelo seu tio Phintias Guimarães e, principalmente, pelo seu pai, Jarbas de Lery Santos, sua presença era constante nas redações em que os familiares atuaram<sup>7</sup>. Quando seu tio passou a trabalhar no Diário Mercantil, Mário começou a frequentar o ambiente da redação e, embora tivesse apenas dez anos, já conhecia todo o sistema de funcionamento de um jornal.

Campos e Santos (1998, p. 24) revelam que já no Instituto Bicalho, onde Mário Helênio cursou o ginásio, aconteceu sua primeira investida no jornalismo esportivo. A pedido de seu professor de educação física, Adelino Notaroberto, ele levava para o Mercantil as notícias esportivas do colégio. Lá, onde seu tio trabalhava, Mário procurava pelo jornalista Fábio Nery, então chefe do setor de esportes do jornal, e este, percebendo a vocação do menino, pedia a ele para redigir as notas sobre as informações que trazia.

Eu levava esse noticiário para ele divulgar no jornal, mas eu não era tão constante e ele disse assim – meu apelido familiar era Filhinho: “Filhinho, você não quer, de vez em quando, escrever outras coisas que não sejam de seu colégio?” [...] Eu cortava os jornais e todo dia eu tinha meu próprio jornal, com os recortes dos jornais do Rio de Janeiro. Daí surgiu, por parte do Arides Braga, que foi um dos grandes nomes da imprensa esportiva de Juiz de Fora, meu apelido de Tesourinha (ANDREOLA, 1995 apud CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 24, anexo 12).

---

<sup>7</sup> Segundo Campos e Santos (1998), eles trabalharam nos jornais *A Sarna*, periódico que circulou entre julho de 1928 a abril de 1929; depois no *Jornal do Commercio* e *O Pharol*.

Antes mesmo de ter seu primeiro contrato assinado, Mário Helênio ganhou projeção nacional pelo fato de ter entrevistado o presidente Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Ele foi acompanhar o pai (Presidente da Associação de Imprensa de Minas Gerais) em um congresso de jornalistas, na então capital da República. Lá chegando, Mário ficou hospedado no Hotel Globo, na Avenida dos Andradas, de onde fugiu para visitar a redação do jornal O Globo, que ficava situada no Largo da Carioca. A fuga tinha uma motivação: conversar com Herbert Moses, na época considerado um dos grandes nomes da imprensa nacional.

Houve uma ocasião em que telefonaram da redação do O Globo que eu estava lá no O Globo querendo falar com o Herbert Moses, que eu queria dar uma entrevista -, porque o Herbert Moses é hoje o que é o Ataíde na Associação Brasileira de Letras, era o presidente eterno, um homem do maior conceito, presidente da ABI, fez aquele bonito prédio. Então, a tia Aparecida registrou isso, que eu saí do hotel, não falei com papai... quando papai me procurou... depois que O Globo avisou, porque O Globo é na Avenida Carioca, pertinho da Andrada... “Tem um menino aqui na mesa, diz que quer falar com o doutor Herbert Moses, vem apanhar ele aqui.” E, nessa mesma ocasião, nesse congresso no Rio de Janeiro, nós fomos recebidos no Palácio do Catete pelo presidente Getúlio Vargas, que papai havia conhecido em 33, 34, por aí, e nós fomos nesse congresso e eu me lembro perfeitamente que O Globo registrou minha presença, dizendo que estava no Rio o mais jovem jornalista do Brasil (HELÊNIO, 1990).

Por ter participado da entrevista com o presidente Vargas, Mário ganhou uma matéria no jornal O Globo de 24 de junho de 1941. Nessa entrevista, foi perguntado a ele [Mário] o que significava a imprensa para um jovem de apenas 16 anos, ingressando na carreira: “É a imprensa que impulsiona as atividades e tem contribuído para as vitórias das mais nobres causas. Infelizmente, disse Lery, a imprensa tem sido mal compreendida por alguns elementos que procuram injustamente desprestigiá-la” (O GLOBO, 1941, apud CAMPOS E SANTOS, 1998, p. 158).

Depois de ter sido destaque na mídia nacional, pela precocidade na atuação como repórter, entrevistando nada mais nada menos que o presidente Getúlio Vargas<sup>8</sup>, em 1º de janeiro de 1941, Mário Helênio assina seu primeiro contrato trabalhista, com carteira assinada, antes de completar seus 16 anos, como repórter do Diário Mercantil de Juiz de Fora. No ano seguinte, sua carteira profissional é novamente assinada pelo jornal, agora como auxiliar de repórter. Em 1949, Mário tem sua primeira passagem pelo rádio. Sua

8

O presidente era amigo pessoal de Jarbas de Lery Santos, pai de Mário e ligado à política e ao jornalismo.

estreia foi na Rádio Tiradentes<sup>9</sup>, convidado por José Céu Azul Soares para contribuir como comentarista no programa de esportes. “Nessa época, não era comum o comentário nas partidas de futebol. O narrador, no intervalo, devolvia o som para o estúdio, que tocava música”, contou Mário Helênio, para o documentário sobre a rádio da cidade aos jornalistas Sérgio Bara e Izabel Pequeno (1991).

Ainda na Rádio Tiradentes, Mário transmitiu sua primeira partida de futebol. Foi convidado por Marcos Sobrinho, proprietário da emissora, para atuar como comentarista na partida do Southampton, da Inglaterra, contra a Seleção de Juiz de Fora<sup>10</sup>. Ele também foi contratado pela Rádio Industrial, e tinha como função ser redator.

Campos e Santos (1998,p.29) ressaltam que Mário Helênio estava empolgado com a nova emissora e, mesmo tendo algumas dificuldades por não estar totalmente familiarizado com o meio, passou logo a se apaixonar pelo rádio. Em 1949, ainda conciliou a rádio com sua atividade no Diário Mercantil. Mas em 50, já totalmente envolvido com as coberturas jornalísticas da emissora, deixou o jornal.

Mário Helênio contou, no depoimento a Sérgio Bara e Izabel Pequeno (1991), que esse caráter revolucionário da Rádio Industrial mexeu com a radiofonia da cidade. Que a até então “soberana” Rádio Sociedade – PRB3 – teve que reagir. No entusiasmo de ser integrante desse projeto de trabalho “semelhante ao da Rádio Nacional”, Mário relata que fez uma sequência de coberturas mostrando ao público juiz-forano a proposta da nova emissora.

Já no primeiro dia de funcionamento em Juiz de Fora, a Industrial irradiou um show na antiga boate do Palace Hotel. No domingo seguinte, transmitiu uma corrida de automóveis, colocando informantes em quatro pontos diferentes do trajeto. Na tarde desse mesmo dia, transmitiu o Torneio Início de Futebol (BARA; PEQUENO, 1991).

Ainda atuando pela Rádio Industrial, Mário Helênio cobriu o Campeonato Sul-Americano em 1949, disputado no estádio de São Januário. No ano seguinte, participou das transmissões de todos os jogos do Brasil, na Copa do Mundo de 1950<sup>11</sup>, feitas pela

---

<sup>9</sup> Emissora de São João Nepomuceno que tinha um estúdio instalado na galeria do Cine Theatro Central, em Juiz de Fora, para a transmissão de informações desse município.

<sup>10</sup> Segundo Arides Braga (1977), esse foi o primeiro jogo internacional disputado em Juiz de Fora. A partida aconteceu em junho de 1948, no Estádio Procópio Teixeira, do Sport, por iniciativa de Sérgio Vieira Mendes, presidente da Liga e proprietário da Rádio e TV Industrial de Juiz de Fora. A partida terminou empatada em 1 a 1, gols de Aloísio, para JF, e Wayman, para os ingleses (Wayman acabou se tornando técnico e campeão mundial dirigindo a Seleção Inglesa na Copa do Mundo de 1966).

<sup>11</sup> Mário Helênio fez a transmissão ao lado de Mauro Lucci e Maurício Campos Bastos, o que gerou o apelido de “equipe dos três ‘Ms’”.

emissora, inclusive o que foi disputado no Pacaembu, em São Paulo, contra a Suíça, que terminou empatado em 2 a 2<sup>12</sup>. No depoimento a Bara e Pequeno (1991), ele contou também que a Industrial cobriu o Mundial de Basquete, disputado no Maracanãzinho (inaugurado em 1954).

Ainda no início do funcionamento da Rádio Industrial, Mário Helênio participou de outro evento que ele gostava muito: o carnaval. Poucos dias após a fundação da emissora, cobriu os desfiles das escolas de samba da cidade e dos carnavais dos clubes.

Voltando ao esporte, a Industrial tinha um programa que falava de diversos esportes e ia ao ar de 18h30 às 19 horas, com a participação de Mário. Outro diferencial que a emissora trouxe foi a cobertura de todas as partidas de futebol.

Um fato que poucas pessoas sabem é que Mário Helênio também teve passagem (mesmo que curta) pela televisão. Ao lado do radialista Cláudio Temponi, transmitiu jogos de futebol pela TV Mariano Procópio<sup>13</sup>. “Vinha imagem gerada pela TV Tupi e eu e Temponi entrávamos com a voz”, relata Mário (BARA; PEQUENO, 1991). Mas o pioneirismo de Mário Helênio não se restringiu ao jornalismo esportivo. Ele esteve presente nas primeiras experiências de transmissão de imagem feitas por Olavo Bastos Freire<sup>14</sup>, apontado como um dos primeiros a trabalhar com essa “novidade” no Brasil.

Em depoimento a Bara e Pequeno (1991), Mário Helênio conta que as primeiras imagens produzidas por Olavo de Bastos Freire foram do seu programa na Industrial, “Serpentinas Coloridas”, que falava de carnaval. Mas a transmissão mais marcante e que muitos consideram (equivocadamente) como a primeira, foi a do jogo entre Tupi e Bangu, disputado em Santa Terezinha, no Estádio Salles Oliveira. A partida foi transmitida por dois aparelhos pequenos instalados em pontos diferentes da cidade: um na esquina da Rua Halfeld com a Avenida Rio Branco, na marquise do Clube Juiz de Fora; o outro, na Avenida Getúlio Vargas, na antiga Casa do Rádio.

O Olavo de Bastos Freire me convidou para ser o comentarista do jogo. O feito era tão marcante que o Antônio Cordeiro, que veio transmitir para a Rádio Nacional, ligou para o Heron Domingues, para dar a notícia e ele, no Repórter Esso, noticiou que em Juiz de Fora estava acontecendo a

---

<sup>12</sup> No Maracanã, a Rádio Industrial tinha uma cabine fixa, a de número dezessete.

<sup>13</sup> A emissora começou a funcionar em 1960, em Juiz de Fora, retransmitindo o sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2013).

<sup>14</sup> Técnico em eletrônica responsável pela primeira transmissão e demonstração oficial de televisão totalmente eletrônica em um circuito aberto no Brasil. A transmissão foi realizada em Juiz de Fora, em 1948, do clube Juiz de Fora para a Casa do Rádio. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=18274>>. Acesso em: 19 ago. 2014.



primeira transmissão de uma partida de futebol na América do Sul. Aceitei e fiz o comentário do primeiro tempo. Mas a novidade da transmissão da partida pela televisão era tão grande que acabei abandonando a cobertura no intervalo. Peguei o bonde em Santa Terezinha e vim para o centro da cidade ver as imagens (BARA; PEQUENO, 1991).

Mário formou-se em Direito, em 1950, no Instituto Granbery, mas não exerceu a profissão. Em 1945, quando já tinha contato com grandes nomes da crônica esportiva brasileira, além do fato de seu pai ter se tornado deputado constituinte, recebeu o convite de Mário Filho, dono do *Jornal do Sports*, no Rio de Janeiro, para integrar a equipe de jornalismo. No entanto, a paixão pela cidade e a forte ligação com a família fizeram com que o convite fosse recusado. “Então, nunca me atraiu o fato de deixar Juiz de Fora. Eu nasci e fui criado aqui. Eu sempre achei que tinha que batalhar mesmo é pela terra” (BARA; PEQUENO, 1991, p. X).

Depois de formado, ainda no rádio, Mário Helênio ganhou o apelido de “Bacharel também em esportes”. José de Barros, um dos primeiros comunicadores da antiga PRB3, relata que o título dado a ele se justificava pelo fato de o colega ser um estudioso do esporte.

Ele chegava numa partida que, às vezes, não tinha nenhum lance de emoção e fazia comentários como se aquela partida tivesse sido emocionante. Ele pegava um programa de rádio sem estar acontecendo grandes coisas no meio futebolístico e fazia uma hora, quarenta minutos, o tempo que necessitasse no improviso (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 95, apêndice 4).

Uma das características de seu programa *No Giro da Bola* era a não participação de outros radialistas. Ele só admitia a própria participação. Vários depoimentos confirmam isso. O radialista Ricardo Wagner lembra deste fato com detalhes: “Quando entrei na rádio, ele fazia sozinho e não admitia intromissão. Só depois é que fomos tendo mais acesso ao seu programa. O Márcio Guerra foi o primeiro a participar entrando com informações importantes, notícias da cidade” (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 142, apêndice 15).

Outra curiosidade sobre a vida profissional de Mário Helênio foi relatada pelo radialista Dirceu Costa Ferreira, já falecido, que destacou que ele não trabalhava com pauta. “Mário Helênio trazia muitas anotações em separado. Muita gente encontrava com Mário na rua e dava a ele uma notícia. Mário Helênio era muito inteligente. Ou guardava aquela notícia ou a anotava e sempre trabalhando com aquelas notícias. Não era de pautar trabalho para ele, não” (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 120, apêndice 10). O jornalista Ronaldo Dutra Pereira acrescentou à história de Mário Helênio no rádio o fato de ele também ter tido



um programa aos domingos, de seis às sete da noite, após as transmissões das partidas de futebol.

É bom lembrar que Juiz de Fora teve até seis clubes disputando o mesmo campeonato, dentro da cidade. Tupi, Tupynambás, Sport, ABCR. Todo domingo tinha um jogo, geralmente, jogo de casa cheia. E o Mário fazia parte da equipe de jornalistas do Diário da Tarde. À noite, tinha um programa na PRB3, hoje Rádio Solar. Ali eu ouvia o programa depois que voltava do jogo. (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 114-115, apêndice 9).

Em 1957, Mário Helênio é eleito presidente da Liga de Vôlei de Juiz de Fora, esporte pelo qual tinha um carinho especial. Neste mesmo ano, ele foi eleito representante do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora, junto à Justiça do Trabalho, Vogal da Segunda Junta de Conciliação e Julgamento de Juiz de Fora.

Realizou, em 1960, a Taça Brasil de Vôlei feminino, que se repetiu no ano seguinte. Em 1963, foi responsável pelo Campeonato Mineiro de Vôlei, trazendo equipes de expressão mundial, como as seleções da Rússia, Tchecoslováquia, Bélgica, Argentina e a equipe do Spartak.

A paixão pelo vôlei era muito presente na vida de Mário tanto que, segundo Flávio Villela (2013), que virou treinador a convite do jornalista, a história do esporte em Juiz de Fora foi construída por ele. Mário Helênio trouxe a seleção Japonesa de voleibol para treinar na cidade; Juiz de Fora teve uma visibilidade muito grande, o que incentivou a prática em termos locais e nacionais.

Foi uma coragem muito grande porque ninguém tinha ousado ainda em trazer uma equipe japonesa. A gente não conseguia, porque ninguém tinha contato com ninguém [...]. Passou longo período, a cidade de Juiz de Fora, sendo discriminada em termos de voleibol. Os nossos jogadores era difícil estarem nas seleções mineras e essa barreira, sempre quando tinha que ser quebrada, tinha que ter o aval do Mário Helênio.

O treinador Pedro Édison (2013) também destaca a importância que Mário Helênio teve não só para o crescimento do voleibol de Juiz de Fora, mas também para o do Brasil. Segundo Pedro, durante o período de 1964 a 1980, o vôlei praticado no país era muito diferente do que existe atualmente, sendo importantíssimo o intercâmbio realizado com as seleções e times que vinham jogar na cidade para o desenvolvimento do esporte.

Além disso, Mário Helênio foi responsável direto por lançar um dos ícones do voleibol brasileiro, o juiz-forano Giovane Gávio. Mário tinha uma relação de amizade

muito forte com a família de Gávio e viu no rapaz, que no começo da juventude se dedicava ao judô, um grande potencial para se tornar jogador de vôlei.

Mário Helênio já tinha uma relação com a família do Giovane por causa da Gisele, que já jogava voleibol, jogou no Bom Pastor e depois foi no Sport. E o Mário Helênio sempre incentivava para que o Giovane saísse do judô e fosse para o voleibol; e, em uma viagem que a gente fez ao Rio de Janeiro para ver a Gisele jogar, quando ela jogou no time do Flamengo, o Giovane foi, e ali eu fiz o convite para ele fazer parte da nossa equipe, ele não sabia nada, já tinha uma estatura boa, e a gente conseguiu convencer o Giovane a sair do judô e ir para o voleibol. (Flávio Villela, 2013).

Mário Helênio tinha por hábito, todos os dias, passar por uma banca localizada no Parque Halfeld, em frente à antiga Prefeitura. Lá, ele buscava as principais manchetes e comprava seu jornal preferido, a Gazeta Esportiva de São Paulo. Acompanhava também o noticiário sobre o Flamengo, uma de suas grandes paixões, e um dos motivos pelos quais os amigos o chateavam bastante.

O esporte amador, hoje chamado de esporte especializado, é um dos setores que mais gratidão tem de Mário Helênio e que realmente ficou órfão com sua morte. Glória Kalil Jacob Arantes contou a Campos e Santos (1998, p. 132-133, apêndice 13) como ele cobriu o Campeonato Brasileiro de Natação, realizado no Sport Club Juiz de Fora, em julho de 1983. Em seu relato, a ex-diretora do clube mostra um pouco do comportamento do radialista na cobertura destes eventos de grande proporção e destaca a humildade de um dos maiores nomes do jornalismo esportivo brasileiro.

Nessa ocasião, ele ia ao Sport e ficava lá, humildemente. Engraçado era que o Mário era conhecido no Brasil inteiro. Todo mundo sabia quem era o Mário. E ele se comportava como se estivesse começando naquele momento. Era curioso, ficava parado, prestava atenção, de vez em quando perguntava. De repente, conversava com um, com outro. Os cartolas estavam presentes porque tínhamos no primeiro campeonato muita gente importante da natação do Brasil. Ele ia lá e os entrevistava. A natação era um campo estranho para ele.

Para quem ficou no ar por tanto tempo e em uma época em que se valorizava muito a voz, Mário Helênio não tinha um padrão exigido para locutor. Mário Manzolillo ressaltava essa sua aparente deficiência vocal, que acabou se tornando uma marca na carreira do radialista. “Ele tinha um estilo muito próprio. Uma pessoa inimitável. Não tinha um bom padrão vocal. Não tinha o que se convencionou chamar de uma voz bonita para o rádio. No

entanto, era uma pessoa que todo mundo ouvia com prazer” (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 101, apêndice 5).

Um fato que sempre marcou o estilo de Mário Helênio trabalhar durante a madrugada era que ele ouvia várias emissoras de rádio e, ao mesmo tempo, ficava aguardando notícias das delegações juiz-foranas que estivessem em competição fora da cidade. Todos relatam que uma coisa que o aborrecia era quando ele não recebia notícias do que tinha acontecido. Alguns treinadores, quando derrotados, não ligavam. E tem também a história de que, quando o resultado era muito ruim, Mário Helênio costumava amenizar a derrota no programa *No Giro da Bola*. Flávio Villela faz referência a essa passagem: “comigo era diferente, porque se eu não passasse os resultados, quando chegasse a Juiz de Fora, o puxão de orelhas seria bastante grande” (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 138, apêndice 14).

O radialista Ricardo Wagner acrescenta que, em certa ocasião, Mário viajou com uma delegação que tinha irmãs gêmeas. Uma delas foi expulsa. Na hora da identificação, Mário trocou-as. Com esse artifício, a equipe ganhou.

O fato curioso é que Mário protegia. Tinha história, ganhou, divulga. Perdia, raramente se ligava. Quando o time perdia feio, ele diminuía o resultado. Por exemplo, 40 a 2, ele falava 13 a 8. Fazia questão de divulgar as notícias boas dos amigos. Outra coisa é quando os times perdiam, ele apenas registrava. Quando venciam, eram longos textos. A mesma coisa para o Flamengo (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 146, apêndice 15).

O jornalista Ivan Elias, que também teve oportunidade de participar do programa *No Giro da Bola*, em seus últimos anos de exibição, tem uma definição interessante sobre o estilo de Mário Helênio na condução do noticiário esportivo.

Ele fazia uma escuta de rádio até duas, três horas da manhã. Informações que não se encontravam [sic] no jornal ele tinha. Usava um script do programa: cada cor de caneta representava algo que ele queria falar. Se alguém lesse não entenderia. Parecia que ele tinha uma equipe de roteiristas, o que não acontecia. Ele mudava sempre a forma do programa quando julgava necessário. Tinha uma habilidade muito grande para entrevistar as pessoas...é um estilo de comunicador que não existe mais. Conseguia ser espontâneo, emocionava...usava algumas expressões antigas, mas o programa era moderno, mesmo sem nenhum efeito. Só um hino, no caso de time campeão (CAMPOS; SANTOS, 1998, p. 147-148, apêndice 16).

Outra curiosidade profissional destacada pelo jornalista Paulo César Magella (2013) era a atuação de Mário Helênio como comentarista. Segundo ele, Mário não gostava de ir ao estádio para comentar uma partida. Preferia escutar uma narração e ler sobre o jogo, para que depois pudesse emitir uma opinião. “Ele não gostava muito de comentar jogo em cabine, o Mário era um comentarista peculiar, comentava o jogo melhor que aqueles que estavam no estádio; sem ver o jogo, acompanhava a narração, lia os jornais, ouvia as pessoas falando e, no outro dia, você ouvia o Mário comentando.”

Dentre os inúmeros prêmios recebidos por Mário Helênio durante toda a sua carreira, o que mais se destaca é o Bola de Ouro, homenagem a qual o jornalista foi agraciado em três oportunidades: 1987, 1988 e 1989.

### **Mário Helênio: o legado**

O apartamento que Mário Helênio morava antes de morrer fica próximo ao centro de Juiz de Fora. Em 2013 o imóvel estava com o aspecto que caracteriza a organização de uma mudança. Havia muitas caixas e objetos empilhados, que aguardavam o próximo destino. Sobre os móveis e a mesa, estavam fotografias e recortes guardados durante anos e que contavam um pouco da história do antigo morador.

Um cômodo, no entanto, continuava com aparência de estar em uso e parecia apenas esperar o ocupante chegar, ligar um dos rádios – dos vários que ali estavam – ou, quem sabe, todos ao mesmo tempo, para acompanhar as notícias de esportes – e começar a datilografar na antiga máquina de escrever posicionada sobre a escrivaninha.

Nas paredes, as fotos lembravam alguns momentos marcantes de uma longa carreira, principalmente de jornalista esportivo. Ali, estavam instantâneos de trabalho, de premiações, fotografias – várias delas na companhia de personalidades políticas e do esporte. A estante ainda guardava os troféus, medalhas e recordações de épocas e momentos já distantes no tempo. Na verdade, aquele escritório continuava do jeito que Mário Helênio deixou e, inevitavelmente, ainda mantinha viva um pouco de sua memória - quase de sua presença – que a família relutava em abandonar.

Durante as entrevistas feitas com os amigos e companheiros de profissão, o que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi o carinho e o respeito que a recordação do antigo jornalista ainda provocava tantos anos após a sua morte. O profissional Mário Helênio trazia, sempre, a lembrança do entusiasmo com o esporte de Juiz de Fora, a firme

decisão de tentar apoiar os atletas e todas as modalidades em seus programas de rádio, nas páginas dos jornais em que trabalhou e em todas as funções que desempenhou na área esportiva.

Na memória de todos havia a certeza de que muito do esporte de Juiz de Fora não seria o mesmo ou nem teria acontecido sem o incentivo de Mário. Apesar de sua simplicidade, ele foi reconhecido e respeitado no nível estadual e nacional por dirigentes e atletas de diferentes modalidades. Aliada à simplicidade, sua capacidade de trabalho para realizar eventos e de agregar pessoas contribuiu muito para os projetos que desenvolveu, principalmente em Juiz de Fora;

[meu pai] promovia por promover, por prazer. Essa parte, com o decorrer do tempo, ficou meio esquecida, sobrepôs mais a questão do jornalista, do radialista, mas ele teve uma fase de empreendedor. Acho essa fase muito importante, porque ele também não conseguiria nada sozinho, tinha sempre que ter os amigos, os colaboradores, porque era uma época que você não pagava arbitragem, não pagava aluguel de quadra, de campo, e ele conseguiu empreender essas atividades com base no apoio de um grupo de amigos [...]. Depois, começou a entrar o apelo comercial, tudo virou com patrocínio, com interesse comercial e aí, não sei se é por causa disso, mas ele até se afastou um pouco de gerir o empreendimento, continuou dando divulgação, motivando, ajudando, colaborando... (Mário Augusto, 2013)

O amor por Juiz de Fora marcou toda a vida profissional de Mário Helênio. Ele conhecia e era reconhecido pela cidade como o grande incentivador do esporte, razão para sua decisão de não se mudar, apesar das oportunidades e convites. Obcecado pelo trabalho e pelo esporte, Mário também teve a sorte de contar com a família que compreendia a sua dedicação e o horário de trabalho que avançava madrugada adentro. Não quer dizer que a mulher, filhos e parentes ficassem relegados ao segundo plano, mas o amor era dividido.

Gilmar Quaresma (2013) trabalha há vários anos com o esporte especializado na cidade e não teve dúvidas sobre a importância de Mário para Juiz de Fora e que foi a personalidade esportiva mais importante da cidade, também pela imensa divulgação que dava a esportes considerados menos importantes.

O Mário Helênio fazia porque aquilo era ele, ele era o esporte. E uma pessoa generosa demais, porque quando a gente fala em esporte, quando eu digo esporte, são todos os esportes, todos. O Mário falava de torneio de buraco, do que precisava, o Mário Helênio falava! Dava destaque, dava importância...

O legado de Mário Helênio também pode ser percebido nas gerações de jornalistas esportivos da cidade que tiveram a oportunidade de conviver com ele, seja no jornal impresso, na rádio ou nos eventos esportivos. Repórter esportivo, ganhador da Bola de Ouro e hoje professor de Jornalismo, Márcio Guerra (2013), por exemplo, diz que “apresentaria o Mário como uma referência, como um símbolo, como um amigo, como um mestre”.

Outros companheiros de redação, como Ronaldo Dutra (2013), recordaram de Mário com admiração e destacaram principalmente o seu idealismo, pois, independente da modalidade esportiva, o carinho na divulgação e no empenho para tentar conseguir auxiliar os atletas e clubes era imenso: “O Mário era, acima de tudo, um idealista. Tinha como ideal o esporte, [...] qualquer tipo de esporte para ele era o máximo, fazia questão de cobrir tudo, cobria malha, cobria futebol, cobria bocha, cobria tênis, natação, o que aparecesse na frente em matéria de esporte, cobria.”

A sua ausência causou um grande vazio no esporte de Juiz de Fora, em especial no programa que ele apresentou durante décadas. Um ano depois da morte de Mário Helênio, o *No Giro da Bola* saiu do ar<sup>15</sup>. O radialista Ricardo Wagner (2013) foi o responsável pelo programa após o falecimento do titular. Ele destaca que, enquanto o *No Giro da Bola* esteve no ar, a presença de Mário ainda era sentida: “igual o Mário Helênio era só o Mário Helênio. Isso foi muito difícil. Os primeiros meses a gente ainda conseguiu. A emissora queria acabar com o programa imediatamente, então nós brigamos muito para que, em homenagem ao Mário, se mantivesse o programa”.

A morte, no entanto, não apagou o trabalho feito com tanta dedicação. Não há dúvida que o legado com relação à luta pelo esporte na cidade e o exemplo para as gerações de repórteres são algumas das marcas deixadas pelo jornalista.

### **Considerações Finais**

Juiz de Fora reservou um destaque especial para Mário Helênio em um de seus principais espaços esportivos. Ele empresta, desde 1996, o seu nome ao estádio de futebol do município. Após acompanhar de perto os diversos momentos em que a cidade esteve próxima de construir o seu espaço para o futebol profissional - e se decepcionar todas as vezes que os projetos eram descartados pelas sucessivas administrações - viu ser

---

<sup>15</sup> O programa voltou ao ar, no mesmo horário e com a mesma duração, em 2015, depois de uma parceria entre a Rádio Solar e a Rádio CBN. A apresentação atualmente é do radialista Marcos Moreno.



inaugurado, em outubro de 1988, o Estádio Municipal. A homenagem não podia ser mais justa. A lei que deu o nome de Mário Helênio ao estádio de futebol de Juiz de Fora foi sancionada no dia 02 de fevereiro de 1996.

Juiz de Fora foi privilegiada, durante décadas, com a presença de um dos maiores profissionais ligados ao esporte que o Brasil já teve notícia. As homenagens recebidas durante a vida e póstumas são justas e reconhecem o profissional e o ser humano excepcional que foi o jornalista, radialista e dirigente esportivo Mário Helênio de Lery Santos.

## REFERÊNCIAS

- BARA, Sérgio; PEQUENO, Isabel. *Os anos dourados do rádio em Juiz de Fora*. 1991. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação)–Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1991.
- BRAGA, Arides. *Futebol, Futebolistas e etc*. Juiz de Fora: Esdeva Gráfica S.A., 1977.
- CAMPOS, Antônio Marcos de Nazaré; SANTOS, Darlan Roberto dos. *Mário Helênio: uma história de amor ao jornalismo*. 1998. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação)–Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1998.
- HELÊNIO, Mário. *Depoimento ao Museu da Imagem e do Som de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Funalfa, 1990.
- RODRIGUES, Flávio Lins. *TV Mariano Procópio: sempre filmando Juiz de Fora*. *Estação Científica*, Juiz de Fora, n. 09, p. 1-21, jan./jun. 2013.